



MACINTYRE, Alasdair. *Edith Stein: Um prólogo filosófico, 1913-1922*. [Edith Stein: A *Philosophical Prologue, 1913-1922*. © 2006]. Campinas: Ed. Ecclesiae, 2022.

Elton Vitoriano Ribeiro
FAJE

Como uma vida pode ser tocada pela investigação filosófica? Essa pergunta do filósofo Alasdair MacIntyre parece ser sem sentido para a filosofia contemporânea. Afinal de contas, se para os gregos a vida dos filósofos tinha certa relevância para compreender suas opções epistêmicas; para a filosofia contemporânea, a vida dos filósofos, esses profissionais da reflexão, normalmente, acadêmicos especializados, não tem nada a ver com suas filosofias. Ora, se isso procede, então porque escrever uma vida filosófica? Talvez, para provar que as coisas não são tão simples assim. Ou pelo menos, não foram na vida de Edith Stein.

Para tornar ainda mais interessante a questão, MacIntyre decide escrever um prólogo. Não uma biografia, uma hagiografia ou uma bibliografia, mas um prólogo. Um prólogo, normalmente, apresenta dados, elucida algumas questões, expõe a trama que irá se desenrolar posteriormente. Aqui, nosso autor apresenta um *prólogo filosófico* da conversão de Edith Stein que mudará sua vida para sempre. Mas, mesmo nessa mudança, ainda contém aquela herança filosófica que ela viveu: "Muito do que é crucial para a vida fora da filosofia [de Edith Stein] só pode ser compreendido adequadamente à luz de seu desenvolvimento filosófico" (19). MacIntyre está seguro de que, a "vida [de Edith Stein] não pode ser narrada de forma inteligível se abstraída da história de sua vida como um todo" (19). Especialmente, na filosofia, a *Fenomenologia de Husserl* e o *Tomismo* dos anos 20 e 30.

Sendo um prólogo MacIntyre termina sua narração no ano de 1922 quando comenta, no último capítulo, sobre a "Filosofia Postergada" de Edith Stein. Nesse período, nossa filósofa desejava fazer um estudo crítico de Santo Tomás de Aquino a partir da reflexão do tomismo da época e de seus conhecimentos fenomenológicos. Ela escolhe esse caminho porque, em suas palavras, "que é possível adorar a Deus ao fazer pesquisas acadêmicas é algo que aprendi, na verdade, somente enquanto me ocupava com Santo Tomás" (235).

Mas, antes, no penúltimo capítulo intitulado "A conversão de Stein", MacIntyre nos apresenta o itinerário espiritual-filosófico da vida de nossa autora. A narrativa começa no ano de 1918 quando Edith Stein deixa o cargo de assistente de Husserl, e passando por um momento de profunda crise interior, faz várias leituras. Leituras do Novo Testamento, de Kierkegaard e de Santa Teresa de Ávila. Mas, o que mais tocou Edith Stein foi a leitura do *Livro da Vida*, a autobiografia de Santa Teresa. Comenta MacIntyre: "Certa noite, (...) ela tomou a autobiografia de Teresa da prateleira, começou a ler e não pôde parar até chegar ao final do livro. Decidindo que não tinha alternativa senão ingressar na Igreja Católica" (222). Ao final ela exclama para si mesma: *Aqui está a Verdade!* Meses depois ela é batizada, aos 31 anos de idade, e após 11 anos ingressa no Carmelo de Colônia. No Carmelo adota o nome de *Irmã Teresa Benedita da Cruz*. No ano de 1942, com a

perseguição nazista aos judeus ela é feita prisioneira em *Auschwitz*, morrendo em 1942. Seu amor ao povo judeu, seu povo, e sua opção católica, carmelita, marcaram profundamente sua vida. No ano de 1998 foi canonizada pelo Papa João Paulo II. Assim, não sendo uma narrativa sobre a vida religiosa de Edith Stein, mas de sua vida anterior a sua conversão, vamos, brevemente, ao prólogo.

Nos primeiros capítulos MacIntyre nos apresenta os encontros de Edith Stein com o mundo filosófico gerado ao redor das *Investigações Lógicas* de Husserl. Um novo ponto de partida para a filosofia nos é apresentado. Neste contexto, "Husserl era tido por todos como alguém que abria uma visão nova e incomumente iluminadora sobre o que era possível para a filosofia alcançar" (35). Edith Stein conhece várias pessoas e faz alguns amigos, Adolphe Reinach é o principal deles, e suas aulas produzem o efeito de gerar questionamentos filosóficos em seus alunos para uma nova visada fenomenológica. "Aprender, realmente, a ver (...). Aprender a atentar ao caráter de nossos próprios atos mentais, tais como atos da percepção, da memória, da imaginação e do juízo" (36). Aqui, novas questões são colocadas. Questões fenomenológicas: "questões sobre como os objetos da percepção, da memória e da imaginação devem ser caracterizados se nossa descrição há de ser adequada ao que é apresentado na experiência" (37). Nesses capítulos, MacIntyre discute e apresenta, longamente, a herança filosófica que Husserl recebeu de Brentano e Twardowski. Mas, a partir de sua genialidade, demonstrou uma originalidade no uso fenomenológico dessa herança e desenvolveu um brilhante método de investigação filosófica.

Recuando um pouco mais, MacIntyre nos apresenta a história de fundo ao método fenomenológico husserliano, de Hume aos neokantianos. Para MacIntyre, o que Hume ofereceu, ao tratar da percepção, das impressões e das ideias simples e complexas, foi "a distinção entre o que é apresentado pela experiência sensorial na forma de impressões simples e complexas e o que é projetado nessa experiência pela imaginação" (49). Por outro lado, Kant aceita as argumentações de Hume sobre os produtos dos sentidos, mas oferece uma contribuição nova sobre a explicação da mente na constituição da nossa experiência. Na leitura de Husserl, ao explicitar o que aprendemos com a experiência, não temos apenas fenômenos que devemos ordenar de acordo com nossas categorias prévias de conhecimento, nem muito menos uma profusão de impressões desordenadas e desconexas. Mas, podemos "investigar o invariável e o necessário enquanto apresentado na experiência por meio da disciplina, da atenção e inspeção fenomenológica, e pela reflexão sobre o que essa atenção e inspeção revela" (62). Por exemplo, no exemplo de Husserl: o que ouço quando escuto uma canção? A canção, não as notas. Ou seja, "o que me é apresentado na experiência é o todo, o todo composto de partes, e não só uma série de impressões sensoriais audíveis" (60). Nas palavras de MacIntyre: Husserl "forneceu um caminho novo e frutuoso de abrir uma investigação filosófica que era uma alternativa radical a Kant" (67).

Voltemos a Edith Stein. No capítulo sétimo MacIntyre narra os anos de 1913-1915, anos de formação da nossa filósofa, anos de aulas de filosofia, de crescimento na consciência política e de tomada a sério da possibilidade de se crer em Deus. Max Scheler é uma presença importante nesse período. Por um lado, ele elabora a sua própria e original versão da fenomenologia caminhando na direção de uma ética fenomenológica dos valores. Por outro lado, ele é um filósofo que reconhece como plausível a crença em Deus, se preocupa filosoficamente com questões sobre Deus e, na medida em que se aprofunda na reflexão cristã, fica impressionado positivamente com a concepção católica do universo. Também, nesse período, Husserl é uma presença constante na vida filosófica de Edith Stein, especialmente com um curso sobre *Natureza e Espírito*. Segundo MacIntyre, nesse momento começa a surgir para nossa filósofa o tema da *Empatia* que investigaria a "experiência através da qual sabemos dos atos intencionais dos outros" (94). Para Edith Stein, Husserl não define o conceito de empatia, mas abre caminho com seu método para a possibilidade dessa investigação. Então, nossa autora encontra o objeto de sua investigação que estará presente em toda a sua vida. No entanto, por que a vida segue outros ritmos, acontece a segunda guerra mundial, Edith Stein é treinada na Cruz

Vermelha como enfermeira e em abril de 1915 parte para trabalhar no Hospital da Cruz Vermelha na Áustria. Seus amigos tentam dissuadi-la, mas ela argumenta que "era mais necessário, dado os perigos, que mulheres com disposição séria se voluntariassem, e que ela não tinha mais direito de se eximir do sofrimento do que os soldados que estavam no front" (98). Eis mais um exemplo da vida filosófica de Edith Stein.

O trabalho como enfermeira marcou profundamente a vida de Edith Stein. Ela relata que nesse período de sua vida conheceu profundamente os diversos tipos de seres humanos, suas debilidades e suas forças. Pessoas provenientes das mais diversas classes sociais, idiomas, hábitos, costumes culturais e crenças. Nesse contexto, a empatia tornou-se, mais do que um conceito filosófico, uma prática diária e de importância capital. Nossa filósofa enfermeira se perguntava, "como ter consciência dos sentimentos e juízos dos outros e o que havia na própria fala e comportamento de alguém a que os outros respondiam agindo do modo que agiam" (100). Nesse momento da narrativa, MacIntyre faz um tocante relato da percepção de Edith Stein sobre seus pacientes que estavam diante da morte iminente. Seguindo a tradição Socrática, expressa por Platão no *Fédon*, e depois retomada por Heidegger, nossa filósofa se sente provocada, diariamente, sobre o *estar diante da morte*. Em 1915 Edith Stein termina seu trabalho como enfermeira, retoma o doutorado e trabalha como professora de latim, alemão, história e geografia.

Edith Stein escreve uma tese de doutorado sobre o nosso conhecimento de outras mentes, especialmente, sobre o tema da empatia. O objeto de seu trabalho é o de "identificar as características essenciais da consciência empática, consciência dos pensamentos e sentimentos dos outros" (106). Para MacIntyre, nossa autora levanta interessantes questões sobre o método fenomenológico, o realismo fenomenológico e o idealismo transcendental. Toda a apresentação e discussão sobre as teses de Edith Stein acerca da empatia são muito bem articuladas no texto de MacIntyre. Basicamente, e simplificando muito, "nossa relação para com os sentimentos dos outros é análoga ao nosso relacionamento com nossos próprios sentimentos passados. [Mas] (...), nossos juízos sobre o que outra pessoa está pensando ou sentimento sempre pode estar equivocados" (108). Então, Edith Stein investiga "como a nossa compreensão de nós mesmos está aberta à correção pelo que aprendemos sobre nós mesmos dos outros através de nossa consciência empática da visão que eles têm de nós. (...) Minha consciência de mim mesmo enquanto mente encarnada, que é ela mesmo integral ao fato de eu ser uma mente encarnada, é constituída através de interações com os outros, mais notadamente aquelas caracterizadas pela empática reiterada" (115). Muitos outros temas, a partir da questão da empatia, são levantados por nossa autora o que demonstra, para MacIntyre, que ela parte da fenomenologia de Husserl, mas apresenta sua própria contribuição ao tema. Nas palavras de MacIntyre: "A consciência empática com relação aos outros e os seus atos de percepção, memória e imaginação, não é apenas mais um fenômeno esperando ser estudado. É apenas através de uma explicação fenomenológica adequada sobre a consciência empática e sobre seu papel indispensável que os corpos têm em tal consciência que podemos entender como os objetos de percepção são constituídos como objetos de consciência" (141).

A vida de Edith Stein é atravessada por uma complexidade enorme de acontecimentos. Sua relação com Husserl não era fácil, algumas vezes é desdenhada academicamente por ser mulher, não consegue encontrar uma universidade que a aceite como candidata para sua *Habilitation*, sua conversão ao catolicismo não é compreendida por sua família judia e vive tudo isso no período da segunda guerra mundial. No entanto, corajosamente, ela continua seu trabalho. Por exemplo, a questão da política está presente em seus textos ao analisar a questão do *Estado*, o conceito de *Comunidade* e o tema dos *Valores*. Tudo isso em meio ao trabalho como assistente de Husserl entre os anos 1916-1919. Aqui, o desafio maior era transcrever os rascunhos de Husserl da *Sexta Investigação - Ideias II*, e construir uma ordem coerente para os textos, na maioria das vezes pouco claros, obscuros e cheio de lacunas nos argumentos.

Antes de escrever sobre a conversão de Edith Stein, MacIntyre faz uma curiosa digressão. Ele apresenta três outras importantes conversões que tomam caminhos

diferentes de nossa filósofa, mas que expressão uma mesma dinâmica de transformação existencial. *Adolph Reinach* vive uma transformação religiosa cristã em sua vida. *Franz Rosenzweig*, também uma conversão religiosa ao judaísmo. Finalmente, *Georg Lukács* ao bolchevismo. Na narrativa de MacIntyre, esse capítulo serve para apontar direções: "Se considerarmos a conversão de Lukács junto com as de Reinach e Rosenzweig, é claro que imediatamente teremos o choque de quão diferentes são as duas histórias. Contudo, talvez seja ao compará-las que podemos ressaltar o que é distintivo em cada narrativa da melhor maneira. Três perguntas são pertinentes. Primeiro, qual é a diferença entre o modo como haviam se entendido a si mesmos após o momento de conversão e o modo como haviam se entendido anteriormente? Segundo, que mudança há nos posicionamentos políticos assumidos por cada um como resultado de sua conversão? E, terceiro, o que há na experiência de cada um que faz dele ou teísta ou ateu em sua interpretação da sua experiência?" (215). Para MacIntyre, essa são, também, perguntas que deveríamos perguntar sobre Edith Stein. Diante dessas perguntas e dessas dificuldades, também dos relatos recebidos, ele ousa escrever sobre a conversão de Edith Stein e pondera: "Eu construí a melhor narrativa global que pude, mas um historiador mais habilitado bem poderia fazer melhor" (216).

De minha parte, eu comecei esse texto apresentando, brevemente, a conversão de Edith Stein. A narrativa de MacIntyre é perspicaz e comovente, como toda narrativa de uma vida. Aqui, quero destacar apenas algumas ideias gerais que me tocaram, e que por isso mesmo, após a leitura desse livro, fazem, também, parte de minha vida filosófica: O *Eu* "como agente é, parcialmente, constituído em e através de relacionamentos. [Por isso], meu autoconhecimento deriva em parte dos outros" (184). "Todo conhecimento intersubjetivo é sempre o de uma consciência encarnada. (...) Conhecimento de um *Eu* situado corporalmente dentro de umnexo de relacionamentos sociais e naturais" (184). "Conhecimento de mim mesmo através da atenção disciplinada aos meus próprios atos mentais" (184). "O que nos tornamos, as qualidades que chegamos a adquirir, estética, moral e intelectualmente, é, em boa medida, uma questão de nossa responsabilidade ao nosso ambiente social e cultural" (185). "Os diferentes tipos de relacionamento social nos quais ingressamos têm uma diferença significativa no tipo de seres humanos que nos tornamos" (185). "Cada um de nós tem uma história a contar sobre como chegamos a adquirir a perspectiva que temos sobre o mundo, sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre os panoramas sociais e nacionais em que habitamos" (186).

MacIntyre termina sua narrativa "louvando mais as questões de Stein do que as suas respostas" (246). O valor filosófico do trabalho de Edith Stein, como todo trabalho especulativo, "não são tanto um convite à concordância quanto a repensar em sua companhia questões com as quais ela se preocupava" (246). "E, já que ela, de modo geral e característico, identificou questões que são e continuam a ser filosoficamente cruciais, isso faz dela uma pensadora muito mais importante do que muitas vezes se julgou" (246). Finalmente, e mais uma vez com as palavras do próprio MacIntyre: "Mas ao ler Stein, como ao ler qualquer filósofo, é necessário compreender onde ela começa e por que ela parte daí. De tal modo que, ainda que este livro não nos leve para além dos começos de Stein, ele pode, ainda assim, prover uma espécie de introdução, não apenas aos seus escritos filosóficos antes de sua conversão, mas também àquelas obras posteriores das quais os seus primeiros escritos formam um prólogo" (246). Portanto, eis um instigante livro, de um importante filósofo, sobre parte da vida filosófica de uma mulher, religiosa e filósofa, extraordinária. Livro que ao narrar uma vida tem a brilhante capacidade de iluminar nossas vidas nessa inescapável busca filosófica que é viver.

Doutor em Filosofia (PUG-Roma, Itália)
Professor do Departamento de Filosofia (FAJE, MG)
Professor do PPG Filosofia (FAJE, MG)
E-mail: eltonvitoriano@gmail.com